

Índice

Primeira Parte	9
Segunda Parte	109
Terceira Parte	197
Quarta Parte	279
Nota do Autor	333
Notas de Tradução	335

CAPÍTULO UM

Um homem novo — novo, mas não *muito* novo — está sentado numa antessala algures no Palácio de Versalhes, numa qualquer das muitas alas que por lá há. Está à espera. Há muito tempo que está à espera.

A lareira não foi acesa, embora se esteja na terceira semana de outubro e faça tanto frio como durante a Festa da Purificação da Virgem. O homem novo sente as pernas e as costas a ficarem rígidas — devido ao frio que ali faz e a todo o que apanhou durante três dias de viagem, primeiro com o primo André, de Bellême até Nogent, e depois numa carruagem a abarrotar de gente, todos com a cara a pelar e vestidos com casacos de inverno, trazendo cestas ao colo e embrulhos debaixo dos pés; alguns dos passageiros viajavam com os seus cães e um velho trazia um galo por baixo do casaco. Foram trinta horas até Paris, até à rue aux Ours, onde desceram para uma rua empedrada cheia de bosta de cavalo, ficando a andar de um lado para o outro diante do escritório do serviço de carruagens, como se para confirmarem que as suas pernas continuavam a funcionar. Já esta manhã, o homem deixou o seu alojamento e seguiu pela *rue...* pela *rue* do quê?... bem cedo, num rocim alugado, para vir até Versalhes, para esta entrevista; este dia tanto poderá ser o mais importante da sua vida como dar em nada.

Não está sozinho na antessala. Um homem com cerca de quarenta anos está sentado à sua frente, numa estreita cadeira de braços, com o sobretudo abotoado até ao queixo, de olhos fechados e com as mãos cruzadas sobre o colo; traz, num dos dedos, um anel enorme e

de aspeto muito antigo. De vez em quando suspira, mas, tirando isso, mantém-se em silêncio absoluto.

Por detrás do homem adormecido, e também de ambos os lados, veem-se espelhos que vão do soalho até ao estucado cheio de teias de aranha do teto. O palácio está pejado de espelhos. Para quem vive ali, deve ser impossível não se cruzar com a sua própria pessoa umas cem vezes por dia, tornando-se cada corredor uma fonte de vaidade e de dúvida. Os espelhos que o homem novo vê à sua frente, de superfícies turvadas pelo pó (onde um dedo desenhou despreocupadamente um pénis bolboso, e, ao lado, uma flor que poderá ser uma rosa), emitem um brilho esverdeado, como se todo o edifício se tivesse afundado na água. E ali está ele refletido, parte integrante do naufrágio; no espelho manchado consegue ver a sua conhecida figura trajada de castanho e o seu rosto de traços que não chegam a ser suficientemente distintos para o tornarem característico ou singular. A sua cabeça é uma oval pálida sobre um corpo encolhido; o corpo veste um traje castanho; o traje, um presente do seu pai, foi costurado por Gontaut, que, dizem as pessoas, é o melhor alfaiate de Bellême — embora, na verdade, seja o único alfaiate que há por lá, já que Bellême é o tipo de lugar onde um traje de bom corte é deixado pelo seu dono em herança, juntamente com um aquecedor de latão para a cama, o arado, a grade da lavoura e os arreios para os cavalos. O casaco fica-lhe ligeiramente apertado nos ombros, um pouco largo na cintura e um tudo-nada comprido nos punhos, mas trata-se de um trabalho honesto e perfeitamente correto no que respeita à moda da época em que foi feito.

O homem pressiona as coxas com as mãos, depois a ossatura dos joelhos, e, por fim, debruça-se para limpar qualquer coisa do tornozelo da meia esquerda. Teve o cuidado de as conservar tão limpas quanto possível, mas, ao deixar o alojamento de noite para entrar por ruas que não conhecia, sem que houvesse um candeeiro aceso visto ser ainda tão cedo, quem poderá saber ao certo o que pisou pelo caminho? Põe-se a raspar a meia com a unha do polegar. Será lama? Deus queira que sim. Não chega a cheirar o polegar para descobrir.

Um cão pequeno faz a sua entrada. As suas unhas escorregam no soalho. O cão observa-o rapidamente com os seus olhos grandes e ocluídos, e depois aproxima-se de um jarrão — uma grande ânfora

dourada, que foi colocada (ou talvez abandonada) num dos cantos espelhados da antessala. O cão cheira a ânfora e alça a perna. Uma voz — de uma mulher já de certa idade — chama-o do corredor. Uma sombra perpassa a porta aberta; o ruge-ruge de bainhas de seda é como o som do começar da chuva. O cão corre atrás dela e a sua urina desenha uma linha serpenteante desde o jarão até aos pés cruzados do homem adormecido. O homem novo observa o líquido a espalhar-se pela superfície irregular do soalho, comprovando que até o mijó dos cães está sujeito às inalteráveis leis da Física...

Ainda está a observar tal fenómeno (naquele que tanto poderá ser o dia mais importante da sua vida como dar em nada) quando a porta do gabinete do ministro se abre com um estalido semelhante ao do quebrar daqueles selos que costumam colocar nas portas das casas assoladas pela peste. Uma figura angulosa e de olhos amarelados — um criado ou um secretário — chama-o com um ligeiro erguer do queixo. O homem novo põe-se de pé. O homem mais velho abriu entretanto os olhos. Não chegaram a trocar uma palavra e não sabem o nome um do outro; limitaram-se a partilhar três gélidas horas de uma manhã de outubro. O homem mais velho sorri. Aquela é a expressão mais resignada e mais elegante do mundo; um sorriso que se abre como a flor de uma aprendizagem longa e inútil. O homem novo cumprimenta-o com um inclinar de cabeça e depois esgueira-se rapidamente pela porta entreaberta do gabinete, receando que esta se torne a fechar, de forma súbita e definitiva.

CAPÍTULO DOIS

— Santo Agostinho — diz o ministro, segurando entre os dedos um *macaron* meio tragado — ensinou-nos que as homenagens prestadas aos mortos se destinavam sobretudo a consolar os vivos. Só as orações surtiam efeito. O local onde o corpo ficava enterrado era irrelevante. — Concentrando-se novamente no *macaron*, mergulha-o num copo de vinho branco e põe-se a chupá-lo. Algumas migalhas caem sobre os documentos empilhados na sua enorme secretária. O criado, de pé por detrás da cadeira do seu senhor, observa as migalhas com uma espécie de sofrimento profissional, mas não faz qualquer tentativa para as limpar.

— Ele era africano — prossegue o ministro. — O Santo Agostinho. Deve ter visto leões e elefantes. Você já alguma vez viu um elefante?

— Não, meu senhor.

— Temos cá um. Algures. Trata-se de uma criatura enorme e melancólica que se sustém de vinho de Borgonha. Foi um presente do rei do Sião. Quando cá chegou, no tempo do avô de Sua Majestade, todos os cães do palácio ficaram escondidos durante um mês. Depois acostumaram-se à sua presença e começaram a ladrar-lhe e a provocá-lo. Se não o tivessem escondido, o mais certo era os cães terem-no matado. Cinquenta talvez dessem conta do recado. — O ministro observa o homem novo do outro lado da secretária e faz uma pausa momentânea, como se o elefante e os cães fossem personagens de uma parábola. — Onde é que eu ia? — pergunta depois.

— Santo Agostinho? — recorda-lhe o homem novo.

O ministro assente.

— Foi a igreja medieval que deu início ao costume dos enterros dentro das igrejas, isto para que os mortos ficassem ao pé das relíquias dos santos, claro está. Quando a igreja ficava cheia, começavam a enterrá-los no terreno em volta. Honório de Autun chamou ao cemitério o «dormitório sagrado», o regaço da Igreja, o *ecclesiae gremium*. Na sua opinião, em que altura começaram eles a ser mais numerosos do que nós?

— Quem, meu senhor?

— Os mortos.

— Não sei, meu senhor.

— Foi cedo, julgo eu. Foi cedo. — O ministro engole o resto do *macaron*. O criado passa-lhe um guardanapo. O ministro limpa os dedos e depois coloca uns óculos de aros redondos e começa a ler o manuscrito no topo da pilha que tem diante de si. O gabinete está mais quente do que a antessala, mas só ligeiramente. Um fogo bastante modesto crepita na lareira, libertando ocasionalmente uma pequena nuvem de fumo que se espalha pelo gabinete. A secretária é, praticamente, a única peça de mobiliário ali dentro. Na parede foi colocado um pequeno retrato do rei e também um outro quadro que parece retratar os últimos instantes de uma caçada aos javalis. Também ali está uma mesa com um decantador de vinho e com alguns copos. Junto à lareira vê-se um pesado penico de porcelana. Sob a janela, encostado à parede, foi deixado um guarda-chuva de seda impermeabilizada. Pela janela vê-se apenas o céu, carregado e cinzento.

— Lestingois — diz o ministro, lendo o documento. — Portanto, você é o Jean-Marie Lestingois.

— Não, meu senhor.

— Não? — Tornando a olhar para a pilha de papéis, o ministro puxa uma segunda folha. — Então é o Baratte. Jean-Baptiste Baratte?

— Sim, meu senhor.

— É de uma família antiga?

— A família do meu pai vive em Bellême, no centro, há já várias gerações.

— E o seu pai é luveiro.

— Um mestre luveiro, meu senhor. E temos uma propriedade com pouco mais de quatro hectares.